Da cristalização do papel materno à diferenciação identitária em psicodrama bipessoal

Suelen Maciel de Oliveira Costa[1]

Mab Suellen Abreu Nunes[2]

RESUMO

Processo de descristalização do papel materno como eixo identitário predominante em mulher adulta, analisado a partir da articulação entre psicologia analítica, psicodrama e estudos de gênero. Trata-se de paciente mulher, em acompanhamento terapêutico desde 2023. Cisgênero, heterossexual, branca, 45 anos, mãe de um menino de 8 anos, casada há 25 anos e com carreira de 20 anos na mesma empresa. Apresenta trajetória marcada por permanências prolongadas em vínculos e contextos institucionais. Buscou psicoterapia no período pós-pandêmico, relatando sensação de automatismo existencial e questionamento dos papéis que ocupava como mulher: de "esposa", "mãe", "filha" e "cuidadora", associados à sobrecarga doméstica, à maternidade intensiva e à responsabilização excessiva pelo companheiro. Sob a perspectiva psicodramática, o self organiza-se a partir dos papéis desenvolvidos na interação com o outro (MORENO, 1975; ROJAS-BERMÚDEZ, 1997). Quando tais papéis se cristalizam como conservas culturais, ocorre redução da espontaneidade, entendida como a capacidade de oferecer respostas novas a situações antigas e novas (MORENO, 1975). Cukier (2002) destaca que a espontaneidade emerge no campo relacional e pode ser inibida quando os papéis se rigidificam. No caso apresentado, a centralidade no papel de mãe e esposa, operavam como conserva cultural patriarcal. Butler (2023) sustenta que o gênero se constitui performaticamente pela repetição de normas sociais. Zanello (2018) descreve dois dispositivos centrais na subjetivação feminina: "o materno" e o "amoroso", ambos naturalizam o cuidado como responsabilidade feminina e vinculam o valor identitário da mulher à validação masculina. Objetiva-se analisar como a intervenção psicodramática, articulada à psicologia analítica e aos estudos de gênero, contribuem para a flexibilização de papéis cristalizados, especialmente o materno, e para a ampliação da diferenciação identitária. Trata-se de estudo de caso clínico qualitativo. Após três anos de acompanhamento psicoterápico on-line sob referencial analítico, introduziu-se o psicodrama bipessoal. O aquecimento e o acolhimento prepararam o campo relacional para a dramatização. Utilizou-se objeto intermediário: a paciente representou a si mesma e ao marido

[1] Pós-Graduanda, PROFINT, sm.suelenmaciel@gmail.com
[2] Doutoranda, UFRN, psimababreu@gmail.com

por meio de um bule e uma xícara interligados, externalizando a matriz simbiótica do átomo social conjugal (MORENO, 1975). A dramatização evidenciou que, embora verbalizasse desejo de separação, a paciente mantinha-se vinculada à função de sustentar o outro. A dificuldade de ruptura revelou-se menos econômica e mais identitária: romper implicaria dissolver o eixo materno como identidade central. À luz da psicologia analítica, Qualls-Corbett (2016) descreve que a cultura ocidental tende a cindir simbolicamente o feminino entre figuras opostas, como a mãe/santa e a prostituta, produzindo representação fragmentada da mulher e dificultando a integração psíquica necessária ao processo de individuação. A intervenção psicodramática favoreceu deslocamento da conserva cultural patriarcal e ampliação da espontaneidade no campo relacional. Conclui-se que a articulação entre psicodrama, psicologia analítica e estudos de gênero favorece o processo de descristalização do papel materno e amplia possibilidades de diferenciação identitária. A dramatização mostrou-se recurso clínico potente para tornar visíveis configurações vinculares inconscientes, possibilitando ressignificação de papéis cristalizados e a emergência de novas formas de posicionamento subjetivo.

Palavras-chave: Psicodrama. Gênero. Papel materno. Psicologia analítica. Individuação feminina.

Referencial bibliográfico

ARAÚJO, G.; ZANELLO, V. Desejo sexual em mulheres brasileiras. Estudos de Psicologia, v. 39, e210036, 2022.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CUKIER, R. Psicodrama e teatro da espontaneidade. São Paulo: Ágora, 2002.

JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORENO, J. L. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1975.

QUALLS-CORBETT, N. A prostituta sagrada: o feminino eterno e o caminho para a integração. São Paulo: Paulus, 2016.

ZANELLO, V. Saúde mental, gênero e dispositivos. Curitiba: Appris, 2018.